

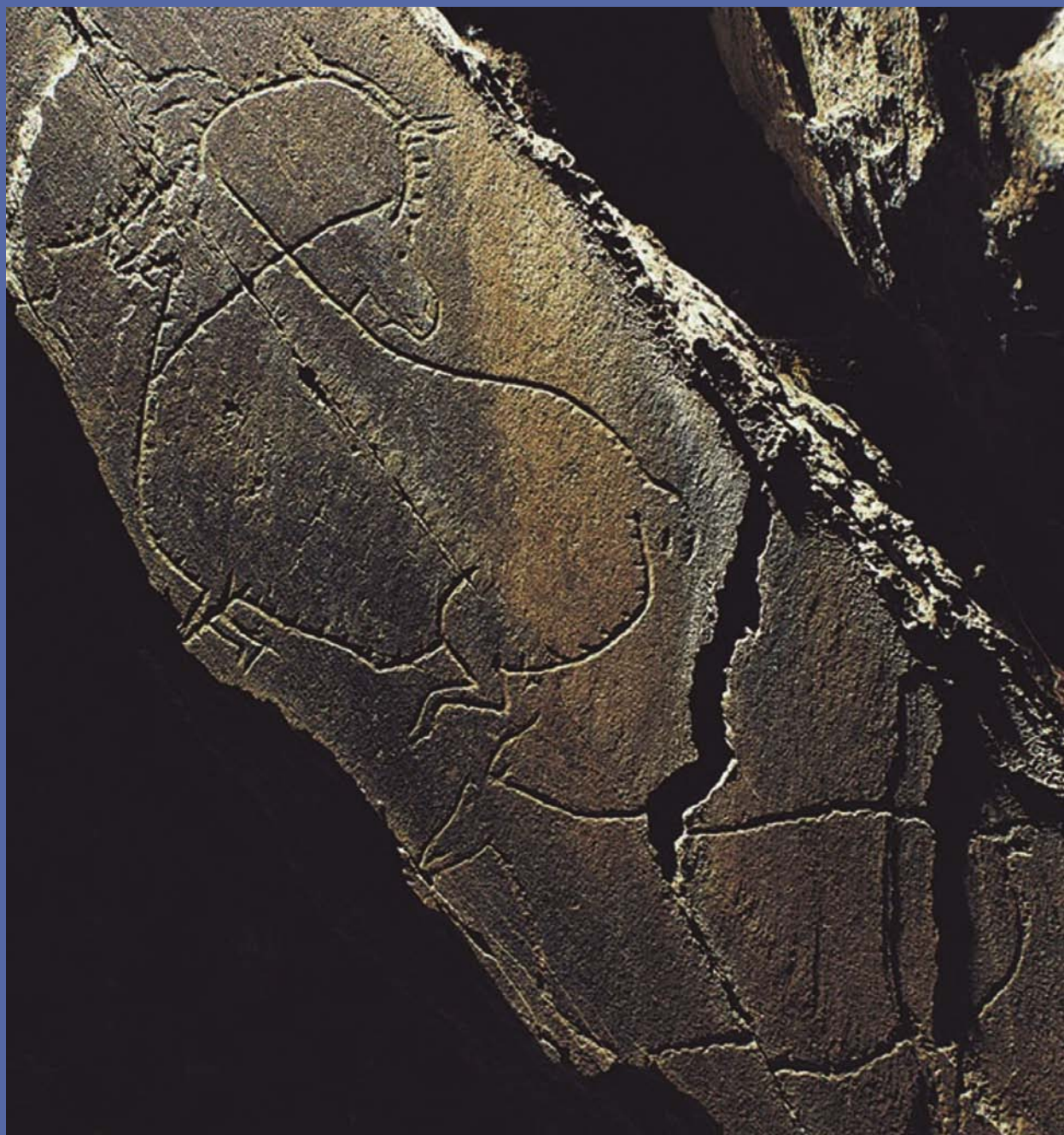
O QUE É QUE FOZ CÔA TEM?



Tem paisagens que pertencem ao Mundo e não apenas a Foz Côa ou a Portugal e, por isso mesmo com proteção internacional. O Alto Douro Vinhateiro e as Gravuras de Foz Côa têm essa chancela, estão no Vale do Côa, mas são Património Mundial. Recomendamos uma visita

Em 1995, adivinhava-se que a história de Foz Côa iria engrandecer. Os santos da casa não lhe deram muito crédito. Afinal, sempre ouviram falar das rochas com uns rabiscos de outros tempos (dizia-se) e admitiam que a barragem seria a melhor opção. Foi preciso

levar a história para lá de Foz Côa e para lá das fronteiras nacionais. O assunto deixou de ser de Foz Côa e passou a ser do mundo. E que matéria era esta tão importante? Gravuras, mas não só, a História das histórias estava ali desenhada e à espera de ser reconhecida.



Por cá, os políticos começaram a dizer que, afinal, “as gravuras não sabem nadar” e com o foco da imprensa internacional tornou-se impossível não deslindar a história que ali se escreveu no xisto. Hoje, Foz Côa não mudou muito é certo, mas o seu nome está nos principais roteiros. Ergueu um museu e abriu trilhos para tornar acessíveis alguns dos tesouros picotados na pedra há... 25 mil anos.

O acesso deixou de ser alucinante ou vertiginoso, mas foi assim que eu conheci as gravuras de Foz Côa. De cajado na mão, encosta abaixo, seguindo o trilho do pastor (guia), que dificilmente percebia que estes pés não estavam habituados àquelas pegadas. Hoje, não acontece nada disso. O Parque Arqueológico do Vale do Côa proporciona as visitas: de dia; de noite; a pé/de jipe ou de canoa.

Os olhos irão procurar sempre o mesmo. A paisagem, claro, porque a envolvência também conta e preenche bem o quadro que se irá reter e guardar. Mas, o objetivo último será esse mesmo, ver (ao vivo e a cores) as gravuras que o homo sapiens sapiens ali desenhou e que ajudam a reescrever a História. Ao longo de 17 quilómetros e sempre à beira do Côa, ao ar livre portanto, há uma galeria de arte para apreciar. Seja do Paleolítico, do Neolítico, da Idade do Ferro ou da Época Moderna. Todos os que por ali passaram deixaram a sua marca, expressa em gravuras.

Depois da polémica, Foz Côa acabou por ficar sinalizada no mapa por acolher o mais amplo sítio do mundo de arte rupestre ao ar livre. Sim, bem sabemos, também existe Altamira, é verdade, mas nesse caso, a história ficou

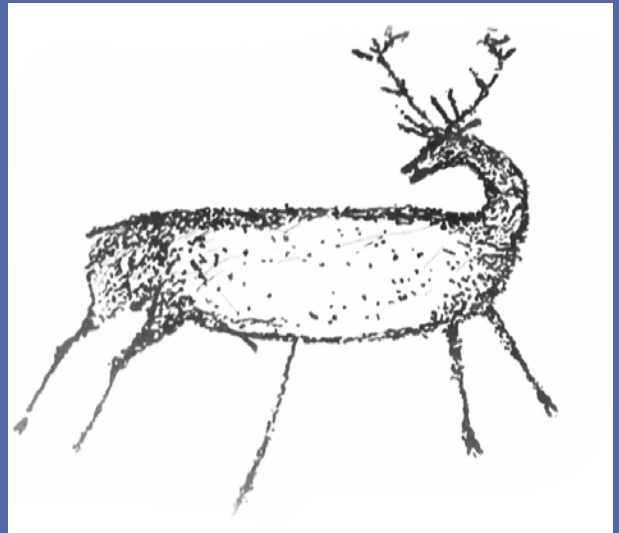
escrita em grutas. Aqui, as histórias contam-se ao ar livre e há centenas ou mesmo milhares de gravuras distribuídas em todo o vale. É um caso único. Foz Côa conseguiu preservar tudo isso, quase sem degradação. A natureza quis assim.

Depois do azeite, das amêndoas e da cultura do vinho, Foz Côa ganhou outro ingrediente, os sítios que acolhem os painéis deste pedaço de história viva.

Canada do Inferno, Penascosa e Ribeira dos Piscos são os três sítios abertos a visitas, em pleno Vale do Côa, mas há muitos mais. O grau de dificuldade destas visitas varia entre o muito fácil, o fácil e o médio. Parte do percurso é feito em jipe e só alguns metros finais são percorridos a pé e por terra batida.



A Branco Almeida



As visitas estão condicionadas a um número máximo de visitantes por dia, por isso recomendamos que programe a viagem antecipadamente e faça a sua reserva, contactando o parque Arqueológico do Vale do Côa. Porque Foz Côa tanto pode ser muito quente (Verão), como muito frio (Inverno), na época dos dias mais longos, é possível pensar numa expedição noturna ou numa jornada em caiaque.

Para ali chegar, sugerimos que a viagem seja de carro, sob pena de ver limitada a visita à envolvência que deve reter. Esclarecemos os mais distraídos que apesar de pertencer ao distrito da Guarda, Foz Côa insere-se no Alto Douro Vinhateiro e por isso mesmo também é um pedaço daquela região que é Património Mundial, tão só pela paisagem. O Côa, afluente do Rio Douro, é o personagem principal desta história que se quer contar e guardar para todo o sempre.

Conceição Abreu

